



Congresso Internacional de Administração
ADM 2021

Administração Ágil
Inovação e Trabalho Remoto

25 a 27
de outubro

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DIFERENTES ABORDAGENS PARADIGMÁTICAS

ADMINISTRATION SCIENCE: AN ANALYSIS FROM DIFFERENT PARADIGMATIC APPROACHES

ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO: ESTRATÉGIAS E MÉTODOS DE PESQUISA QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Luciano Trentin, Universidade Regional de Blumenau - FURB, Brasil, trentinluciano@yahoo.com.br

Resumo

A natureza da administração científica pode ser considerada como um produto fundamentalmente exógeno que, no decorrer dos séculos, tem experimentado influências endógenas, mais relevantes em determinadas áreas, por vezes prósperas a adaptação desse processo, outras vezes não. Nesse sentido, a partir de uma pesquisa bibliográfica, a presente pesquisa tem por objetivo analisar os princípios epistemológicos da administração baseados em diferentes paradigmas de pesquisa. Os paradigmas tradicionais para a construção de teorias não são plenamente consistentes com os propósitos de paradigmas emergentes de pesquisa. Analisamos nesta pesquisa as abordagens paradigmáticas do diagrama de Burrell e Morgan, os estudos multiparadigmáticos apresentados por Lewis e Grimes, a metatriangulação de Gioia e Pitre e o círculo das matrizes epistêmicas proposto por Paula. Tais perspectivas podem conceber interpretações de fenômenos organizacionais que possibilitem aos pesquisadores assegurar os contrastes teóricos intrínsecos e não harmônicos, em compensação podem também incentivá-los a aderir uma lente paradigmática mais holística ao considerar essas diferenças.

Palavras-chave: Ciência da Administração; Paradigmas; Epistemologia.

Abstract

The nature of scientific management can be considered as a fundamentally exogenous product that, over the centuries, has experienced endogenous influences, more relevant in certain areas, sometimes prosperous the adaptation of this process, sometimes not. In this sense, based on a bibliographical research, the present research aims to analyze the epistemological principles of administration based on different research paradigms. Traditional paradigms for constructing theories are not fully consistent with the purposes of emerging research paradigms. We analyze the paradigmatic approaches of the Burrell and Morgan diagram, the multiparadigmatic studies presented by Lewis and Grimes, the metatriangulation of Gioia and Pitre, and the circle of epistemic matrices proposed by Paula. Such perspectives can conceive interpretations of organizational phenomena that enable researchers to ensure intrinsic and non-harmonic theoretical contrasts, but may also encourage them to adhere to a more holistic paradigmatic lens in considering these differences.

Keywords: Administration Science; Paradigms; Epistemology.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos da Administração possuem diversificadas personalidades, devido a orientação de variadas teorias e tendências que tem direcionado os pesquisadores e estudiosos da área na interpretação dos fenômenos estudados. Assim torna-se essencial para o pesquisador que pretende aprender ou atuar em um campo específico de conhecimento, compreender melhor os paradigmas predominantes desse campo.

De acordo com Martins (1996) o legado das perspectivas de investigação concebidas pela administração é oriundo de princípios diversos, tais como psicologia, sociologia e economia. Nesse sentido, a ciência da administração apesar de bem-conceituada como um campo de conhecimento com inúmeras obras contemporâneas, que contribuem para a compreensão do seu desenvolvimento e consolidação como campo científico, ainda assim, encontra-se diante de um campo de conhecimento por diversas vezes contestado, persistindo o paradigma habitual sobre a cientificidade da administração (Mattos, 2009; Raadschelders, 2011).

Contudo, os estudos da ciência da administração têm sido guiados por paradigmas e quadros teóricos vigentes reconhecidos pela comunidade científica. A administração, fundamentada, em clássicos da epistemologia das ciências, reúne múltiplos interesses nos paradigmas de pesquisa, contribuindo para a criação de um arcabouço de conhecimentos teórico-prático sobre a referida temática (Burrell & Morgan, 1979; Caldas, 2005; Hassard, 2005). Motivo pelo qual a ciência busca enquadrar a natureza das pesquisas dentro das fronteiras preestabelecidas pelo paradigma predominante, isto é, adequar a resolução de novos problemas de acordo com os problemas similares.

Para Kuhn (2012) o conjunto de problemas similares e resultados-padrão que constituem o entendimento da comunidade científica deve ser solucionado com suporte nos resultados estudados previamente para problemas similares. De acordo com Ostermann (1996), Bird (2003) e Tozzini (2011), a imagem da ciência normal constituída por Kuhn, é excessivamente conservadora, por permanecer limitada a um paradigma, seja qual for, paradigma este admitido pela comunidade científica. Por outro lado Popper (1970) possui uma visão diferenciada, mais otimista, quanto a interpretação dos fenômenos organizacionais, com possibilidade de construir teorias a partir de múltiplos paradigmas. Segundo o autor, “somos prisioneiros de nossos modelos teóricos, porém se tentarmos, podemos escapar de nossos modelos a qualquer momento. Admitidamente nos encontraremos em um modelo novo, porém melhor e mais espaçoso; e poderemos escapar dele novamente a qualquer momento” (Popper, 1970, p.56).

Compreende-se que a evolução dos estudos organizacionais, necessitaria ser entendida como um processo dialético e de construção social, definido por diferenças e instigado por grupos de interesses. No ponto de vista de Morgan (1996), a insciência dessa diversidade paradigmática, assim como a aceitação tácita quase soberana do paradigma funcionalista (objetivista), inclinase a reduzir o desenvolvimento dessa heterogeneidade.

Em alternativa, para contribuir com os pesquisadores na elaboração de teorias, por intermédio de visões teóricas e perspectivas epistemológicas dissemelhantes, Jasperson *et al.* (2002) e Saunders, Carte e Butler (2003) apresentam a metatriangulação como método de pesquisa. De acordo com os autores, o método proporciona ao pesquisador aprender a coexistir com teorias distintas e compreender os fenômenos a partir de múltiplos paradigmas à uma complexa e paradoxal realidade organizacional.

Na perspectiva de Pellegrinelli e Murray-Webster (2011) o desenvolvimento de concepções para a análise dos estudos organizacionais advém da utilização de um pluralismo teórico e metafórico. Em conformidade com os autores, na pesquisa multiparadigmática, os pesquisadores excedem a revisão da literatura, tencionando à aplicabilidade de paradigmas empiricamente divergentes, empregues de modo segregado ou em conjunto, na coleta e análise de dados e na criação de múltiplas representações de um fenômeno em ambientes complexos.

Considerada como uma promissora alternativa para a compreensão dos fenômenos organizacionais complexos, o círculo das matrizes epistêmicas proposto por Paula (2016), conforme Scussel (2017) e Santos (2017), propicia aos pesquisadores diferentes interpretações de um mesmo fenômeno orientado por distintos paradigmas, dependendo da posição em que se

estabelecem os pesquisadores no círculo das matrizes epistêmicas, criando conhecimento fronteiriço da realidade social e do todo.

Evidencia-se que, entender e utilizar diversificadas abordagens em muitos paradigmas contribui para desprender e expandir os limites de estudiosos e pesquisadores. Assim, nesta pesquisa, por intermédio de diferentes abordagens paradigmáticas, defende-se a utilização de uma visão holística para com a cientificidade dos fenômenos observados na área da administração. O questionamento que orienta esta pesquisa, pode ser compreendido como: os paradigmas convencionais para a concepção de teorias são integralmente consistentes com a heterogeneidade e premência do mundo contemporâneo? Os paradigmas emergentes de pesquisa podem utilizar articulações e junções paradigmáticas de maneira discricionária?

Diante disso o presente artigo tem como objetivo analisar os princípios epistemológicos da administração baseados em diferentes paradigmas de pesquisa. Esta pesquisa sugere um olhar mais abrangente sobre o processo científico na criação de conhecimento, oportunizando diálogos entre diferentes visões e contribuindo para a área do saber em administração. Reflexões sobre as contribuições teóricas, arquétipos e compartilhamento do conhecimento podem coadjuvar para um processo renovação das pesquisas de administração em termos de harmonia, justiça, significância e finalidade.

O documento está estruturado da seguinte forma: a segunda seção analisa-se a epistemologia da administração e os modelos paradigmáticos que envolvem esta ciência, na terceira seção apresenta as reflexões acerca da temática abordada, e por último, apresenta-se as considerações finais.

2. EPISTEMOLOGIA DA ADMINISTRAÇÃO

A geração de conhecimento conceituada como axiomática pela comunidade científica mundial, assim como percebida na atualidade, se originou no século XVII na Inglaterra. O marco científico moderno foi instituído pelo filósofo Francis Bacon (1979), sugerindo a secessão da ciência em três domínios: poesia – a ciência da imaginação, história – a ciência da memória, e filosofia – a ciência da razão. As categorias foram desdobradas em subcategorias para simplificar o dimensionamento da produção intelectual notória à época. Bacon (1979) contribuiu também para elucidar os conhecimentos considerados como verdadeiros os quais enraizados na cultura popular fossem desmistificados iniciando-se assim um ciclo de descobertas científicas.

Entre os séculos XIX e XX a prosperidade de conhecimento elaborados no campo da administração exteriorizou uma gama de inquietudes, desde os estudos de Max Weber, com a procura de racionalização da ação na sociologia e por decorrência nas organizações e, com Karl Marx que percebia a organização como um pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes por intermédio da sociedade, cenário de domínio e fragmentação da ação humana (Marsden & Towloy, 2001).

A origem da Teoria da Administração, no começo do século XX, vem arraigada nesse pensamento de racionalização proveniente da ciência moderna positivista associada a uma demanda por maior efetividade operacional que bem define o pensamento funcionalista (Mattos, 2009; França, 2004). Mesmo preterida por Max Weber na busca pela racionalidade técnica, as pesquisas que envolvem o homem e seus arbítrios e estímulos, ainda assim mantiveram um íntimo convívio com os efeitos econômicos da organização, substanciando a condição funcionalista das pesquisas. Nessa perspectiva, a condição científica pretendida pela administração apresenta-se perene no pensamento de que o conhecimento em modelos

analíticos se torna capaz de inferir maior autenticidade no contexto social no qual possa ser empregue (Mattos, 2009).

Entretanto, exclusivamente a aplicabilidade dos conceitos positivistas às ciências sociais pode ser inapropriada dado a heterogeneidade dos objetos estudados. Demo (1985) contrapõe as ideias do objetivismo positivo, onde somente se pode produzir conhecimento com verificação, e uma tese somente torna-se teoria seguida de verificação. Isto é, compete “à ciência produzir teorias verificáveis” (Demo, 1985, p.107). O autor expõe que “o entusiasmo teórico por certas ideias encontraria numa dedicação empírica um corretivo salutar, porque nisto se descobriria que muitas das hipóteses brilhantes o são talvez porque se furtam ao teste” (Demo, 1985, p.110). Dessa forma, Demo (1985) previne que a dificuldade do empirista é considerar que um acontecimento seja meramente um fato, visto que não pode ser considerado essencialmente como um fato, mas principalmente interpretar o acontecimento.

Pack (2011) salienta que uma teoria não é tão somente um conjunto de preposições que se relacionam com a realidade e são capazes de serem averiguadas relativamente a ela. Tem uma percepção divergente ao declarar que teoria e prática, não se confrontam, mas necessitam inter-relacionar-se a realidade para o aperfeiçoamento da ciência. Outra forma de pensamento foi estabelecida por Popper (1980) apresentando a crítica à indução, que se define pelo processo de inferência com base nos experimentos específicos para questões generalizadas, expondo que a condição de falseabilidade coopera para que as teorias se harmonizem com a práxis. O autor especifica a metodologia para que se verifique uma teoria e esclarece as dificuldades e obstáculos das teorias científicas na desarmonia entre o objetivismo e subjetivismo, ou se preferir, no âmbito da objetividade científica e da convicção subjetiva (Popper, 1980).

Entretanto, para Kuhn (2012) a ciência segue um modelo de desenvolvimento entre uma sucessão de ciclos através da ciência normal, em que o corpo de pesquisadores adota um paradigma, descontinuado por revoluções científicas (ciência extraordinária). Os acontecimentos extraordinários são evidenciados por anomalias ou crises paradigmáticas predominantes, findando com sua descontinuidade. O conceito fundamental proposto por Thomas Kuhn para sua teoria é o paradigma. Em dissonância com Popper (1980), Kuhn (2012) critica os diferentes sentidos evidenciados quanto ao denominado método de falseamento. Para ele o método não deve ser generalizado, pois menciona basicamente o modo como persiste a ciência normal, e no interior de um paradigma encontram-se parâmetros convencionadas e reconhecidos, que possibilitam testar um enunciado teórico.

A administração, na conjuntura de campo científico, pronuncia-se com uma erudição interdisciplinar, um campo de conhecimento que se encontra ainda em estágio de amadurecimento (Shields, 1998). De acordo com Santos, Santos e Braga (2014) existem três consideráveis abordagens teóricas que assistem à produção científica no campo da administração, sendo:

- a) os estudos ortodoxos da administração - entende-se por “toda produção científica aplicada às organizações produtivas mercantis, concebida nos moldes da ciência positivista, do método empirista, do liberalismo econômico, dos princípios de engenharia, tendo por fim elevar a eficiência produtiva do capital e do trabalho” (p.3);
- b) os estudos organizacionais - entende-se que “todo conhecimento produzido na tentativa de descrever, interpretar e explicar o comportamento das e nas organizações, tendo como referência teórica as produções oriundas da psicologia, da sociologia, da antropologia, da economia, da ciência política, entre outras” (p.8); e
- c) os estudos críticos em administração – são entendidos como “toda produção científica, alternativa à tradição da ciência moderna da administração e das organizações, cuja gestão das

relações sociais de produção seja fundamentada em princípio não performático, desnaturalizado, reflexivo e emancipatório” (p.15).

Ainda que a produção científica na administração disponha de diferentes abordagens teóricas, Santos (2004) e Whetsell (2013) expõem uma carência de conformidade metodológica, peculiaridade relacionada à multidisciplinaridade da administração, posto que ela interatua com o ambiente e se beneficia do conhecimento de outros campos das ciências, como a psicologia, a sociologia, a economia, a ciência política e a antropologia, processo que resulta em um pluralismo metodológico interdependente.

Segundo Bernardes e Marcondes (2006), o campo administração estabelece um objeto de investigação definido, as organizações, como demonstra o avanço histórico do pensamento da administração. Walter e Augusto (2008) mencionam que as pesquisas em administração têm se consolidado em todas as partes do mundo e em especial no Brasil, com o aumento do número de estudos submetidos e publicados em eventos e periódicos da área, bem como no número de dissertações e teses desenvolvidas.

Entretanto, um dos fundamentos que norteiam a complexidade do campo da administração, é que no campo científico da administração o objeto de estudo “miscigena”, ou diversas vezes se entrelaça, com o sujeito(s) ou participante(s) deste objeto. De acordo com Adorno (2009), os conceitos constituem parte de uma constelação que ilumina o que há de intrínseco no objeto e suas adjacências (p.140). A luz dos conceitos pode iluminar o objeto em análise, no entanto não é capaz de demonstrar com completa perfeição o que ele de verdade é. O que não está iluminado do mesmo modo está ali, mas não pode ser percebido. Nesse sentido, o objeto em todo o tempo é mais do que se consegue observar dele (Faria, Maranhão, & Meneghetti, 2013).

A administração habitualmente esteve vinculada aos ambientes organizacionais manifestando-se fundamentalmente mediante a premência da prática. Para Giddens (2001) o reconhecimento amplo da cientificidade da administração, reside na ausência da legitimidade das conquistas científicas, devido a estreita relação entre a pesquisa e o objeto de pesquisa. Nesse contexto, de maneira habitual, pode ocorrer a aquisição dos conceitos pelos atores, de modo que a legitimidade não seja reconhecida com a adequada relevância científica.

Segundo Gomes *et al.* (2013) independentemente da ampla predominância de outras áreas do saber nos estudos da administração, isso não constitui um descrédito para a administração enquanto ciência. Pelo contrário, a administração define-se essencialmente como uma ciência pluralista, que conversa com diversas áreas do saber, propiciando novas e diversificadas concepções de mundo. Considerando esta perspectiva, fazendo jus a toda a multidisciplinaridade de teorias, o correto seria não mais denominá-la de administração, mas sim de Ciências da Administração.

Em contrapartida Rocha e Zembo (2017) evidenciam que o campo da administração permanece ainda na fase pré-paradigmática, e pela condição atual deste campo de pesquisa, relativamente jovem, considera-se que a administração não pode ser conceituada como ciência. No ponto de vista dos autores, para o campo da administração alcançar a maturidade necessária a fim de obter status de ciência, faz-se necessário suplantar obstáculos, conscientizar-se de suas adversidades contemporâneas, refletir sobre suas bases epistemológicas, teóricas e metodológicas, aprofundando reflexões em seus pressupostos.

2.1 Modelos Paradigmáticos

Ao que tudo indica persiste uma aquiescência no meio dos pesquisadores do campo da administração de que um paradigma preponderante neste campo ainda inexistente, e uma das

explicações pode ser a natureza multidisciplinar do campo da administração. Esclarecidos pela ontologia e epistemologia, os paradigmas aparecem como perspectivas de uma cosmovisão ocasionalmente vistas como excludentes (Kuhn, 2012; Vergara & Caldas, 2005), complementares e ainda como integradas (Morgan, 2007). De acordo com Kuhn (2012), os paradigmas podem ser sucedidos nas ciências, no momento que o paradigma dominante (ciência normal) se tornar refutado e exasperado por um paradigma contemporâneo, que o sucede e institui-se como novo paradigma.

Segundo Damke, Walter e Silva (2010) e Maciel e Silva (2011) com base na visão paradigmática de Kuhn (2012), não existe a possibilidade de definir se a administração é uma ciência. A justificativa dos autores para tal afirmação está constituída no fato de ainda não ter sido constatado com clareza um paradigma convincente, singular e válido no campo da administração. Kuhn (2012) elucida, na fase pré-paradigmática que, entre os pesquisadores, podem ocorrer inconsonâncias, a criação e instituição de princípios teóricos, a clarificação de propósitos, o estabelecimento de normas e critérios adequados, a existência de um detalhamento do objeto de estudo, além de um discernimento a respeito das inter-relações presentes entre as variáveis relacionadas.

Perante essa elucidação, Senff *et al.* (2015) apresentam que o campo de pesquisa da administração encontrou o seu paradigma e, conseqüentemente, trata-se de uma ciência. Os motivos elencados pelos autores, foram em função da imensa quantidade sucessiva de estudos na área e também pelas transformações no ambiente interno das organizações quanto na inconsistência do cenário socioeconômico. De outra forma, Rocha e Zembo (2017) evidenciam que o campo da administração permanece ainda na fase pré-paradigmática, dado que se trata de uma fase onde o campo do saber está pretendendo alcançar sua maturidade e intensidade metodológica de pesquisa e o delineamento do seu objeto de estudo, argumentando que a administração não deve ser considerada como ciência.

Diante de um ponto de vista mais aproximado das ciências sociais aplicadas, propriamente no campo de análise da administração, Burrell e Morgan (1979) apresentam duas relevantes contribuições: os autores reconhecem quatro paradigmas exequíveis na área das ciências sociais e, discordantes de Kuhn (2012), compreendem como verossímil a harmonia entre os distintos paradigmas. Desta maneira, o pensamento evolucionista de Kuhn (2012) é contraposto diante de uma oportunidade de múltiplos paradigmas que coabitam em um campo científico. Vergara (2005) e Kura e Sulaiman (2012) manifestam que independentemente do paradigma estudado pelo pesquisador, o fenômeno pode ser pesquisado tanto numa perspectiva positivista ou interpretativista.

O modelo evidenciado por Burrell e Morgan (1979) conta com duas dimensões, a sociologia da regulação e a sociologia da mudança radical, que são perpassadas pela contraposição objetividade e subjetividade, tornando-se um esboço com quatro paradigmas: o funcionalismo, o interpretativismo, o estruturalismo radical e o humanismo radical (Figura 1).



Figura 1 – Diagrama de Gibson Burrell e Gareth Morgan
 Fonte: Burrell e Morgan (1979, p.22).

Os autores conceberam o esboço com base em quatro pressuposições acerca da natureza das ciências sociais, classificados nos seguintes objetos de debate: realismo versus nominalismo (o debate ontológico), positivismo versus antipositivismo (o debate epistemológico), determinismo versus voluntarismo (o debate da natureza humana) e teoria nomotética versus teoria idiográfica (o debate metodológico) (Burrell & Morgan, 1979).

Objetivando um comportamento integrativo da construção do conhecimento, Burrell e Morgan (1979), a despeito de estipular significativos contrastes entre os paradigmas, declaram que não os veem como opositores, mas como complementivos e interativos. Outrossim, as duas linhas que constituem a sua matriz paradigmática são recomendadas como um continuum através dos dois extremos. Por conseguinte, os autores, de maneira indireta, identificam níveis de subjetividade e objetividade, da mesma forma os distintos níveis de mudanças sociais e regulação.

Caldas (2005) e Morgan (2007) na direção da colaboração integrativa, advêm os estudos multiparadigmáticos, fundamentados essencialmente em preferências metodológicas que poderiam repercutir de forma desarmônica de uma perspectiva paradigmática. Os estudos multiparadigmáticos surgem com o objetivo de tergiversar as demarcações das teorias monoparadigmáticas que envolveriam unicamente uma parcela da complexa realidade pesquisada. Os múltiplos paradigmas seriam neste caso aceitos como maneira de estabelecer comparação entre teorias distintas e de suas inquietudes deduzir teorias mais irrestritas com características variadas e peculiares, mais apropriadas à multidisciplinaridade do campo da administração (Gioia & Prite, 1990; Lewis & Grimes, 2005; Schultz & Hatch, 1996).

Os limiares vão de encontro ao ponto de vista de incomensurabilidade paradigmática, reflexão que compreende os paradigmas como estanque e que foi amplamente disseminado logo após o trabalho de Burrell e Morgan (1979). Por meio de três abordagens distintas – revisões multiparadigmáticas, pesquisa multiparadigmática e construção multiparadigmática de teorias – as investigações multiparadigmáticas, de acordo com Lewis e Grimes (2005), podem ser empregues de modo segregado ou em conjunto.

As técnicas de agrupamento e ligação entre os paradigmas, consistem em caracterizar e revelar a ênfase da teoria estabelecida. A técnica de agrupamento busca determinar as distinções entre

os paradigmas, propiciando a alternância de perspectivas e, a técnica de ligação possibilita a comunicação entre os paradigmas e retratam os fenômenos nas diferentes estratégias de pesquisa. Os estudos multiparadigmáticos investigam empiricamente as distintas perspectivas, também conhecidas como lentes paradigmáticas, ao contrário de uma simples revisão de diversas bibliografias. Deste modo, é capaz de existirem estudos que usem técnicas interpretativistas para aperfeiçoar previamente percepções funcionalistas, ou mesmo de maneira oposta, métodos positivistas para instrumentalizar e experienciar constructos com um viés interpretativista (Lewis & Grimes, 2005).

Pode-se ponderar também as abordagens retratadas por Gioia e Pitre (1990), tendo como principal propósito colaborar com os estudiosos na concepção de uma teoria, concebida como metatriangulação. Para os autores a metatriangulação trata-se de uma estratégia de aplicabilidade da multiplicidade paradigmática para proporcionar maior compreensão e inventividade. A multiplicidade paradigmática tem como propósito esclarecer princípios discrepantes, ensejando o conhecimento, a aplicação, a crítica e o vínculo entre concepções alternativas. Tenta sobrepor e mesclar percepções distintas em uma nova percepção (Bataglia, Meirelles, & Barrella, 2007).

Metatriangulação propõe uma confiável aplicabilidade de paradigmas múltiplos para estudar suas relações e diferenças, assim assimilando e evidenciando o fenômeno de interesse, igualmente os paradigmas utilizados. Constituir os fundamentos da metatriangulação demanda a definição do fenômeno de interesse, o foco em lentes paradigmáticas, e da coleta de amostra metateórica. Não se pode entender a metatriangulação como um substituto para composição de teorias de paradigma único, mas como uma possibilidade de análise de fenômenos complexos a partir de perspectivas teóricas e epistemológicas discordantes. A metodologia é mais adequada as pesquisas de fenômenos multifacetados, tipificados por amplos e polêmicos campos de estudo (Lewis & Grimes, 2005).

Os obstáculos de reconhecimento, assim como ponderações distintas ao diagrama de Burrell e Morgan (1979), fomentaram pesquisadores a refletirem diferenciadas maneiras de harmonização do diagrama com aplicação de hipóteses díspares aos quatro paradigmas empregues pelos autores. Nesse sentido, Paula (2016) destaca em sua pesquisa que o círculo das matrizes epistêmicas, contribui com direcionamentos para os estudos da administração. A pesquisadora teve como base Jürgen Habermas, assumindo a tese da incompletude cognitiva, na qual indicou que o conhecimento sociológico e organizacional se amplifica conforme a tese das reconstruções epistêmicas.

O círculo das matrizes epistêmicas faz menção aos tipos de ciências pesquisados por Jürgen Habermas, indicando três categorias de interesse cognitivo: técnico, prático e emancipatório. No espaço desse círculo, trilham múltiplas abordagens sociológicas criadas por suas respectivas teorias e metodologias. As abordagens sociológicas remetem a um conjunto teórico-metodológico e não existe barreiras para a quantidade de abordagens sociológicas criadas na produção de conhecimento (Paula, 2016).

Habermas (1983;1989) sugere que o conhecimento como um tipo de experiência pode ser assimilado como defensor deste espaço e exercendo uma função de intérprete-mediador da filosofia em relação à ciência. Em resumo, Paula (2016) expõe que as abordagens sociológicas constituem suas teorias e metodologias, e se direcionam conforme três matrizes epistêmicas, que se influem em uma filosofia e lógica de sentidos peculiares: “a matriz empírico-analítica caracteriza-se por três elementos: o alinhamento com a filosofia positiva, o uso da lógica formal e a preferência pelo interesse técnico; a matriz hermenêutica, por sua vez, caracteriza-se pelo alinhamento com a filosofia hermenêutica, pelo uso da lógica interpretativa e pela preferência pelo interesse prático; e a matriz crítica caracteriza-se pelo alinhamento com a filosofia

negativa, pelo uso da lógica dialética e pela preferência pelo interesse emancipatório” (Paula, 2016, p.36).

A Figura 2 ilustra a proposição constituída por Paula (2016), demonstrando a alternativa que se exprime por imagens sugerida pela autora.

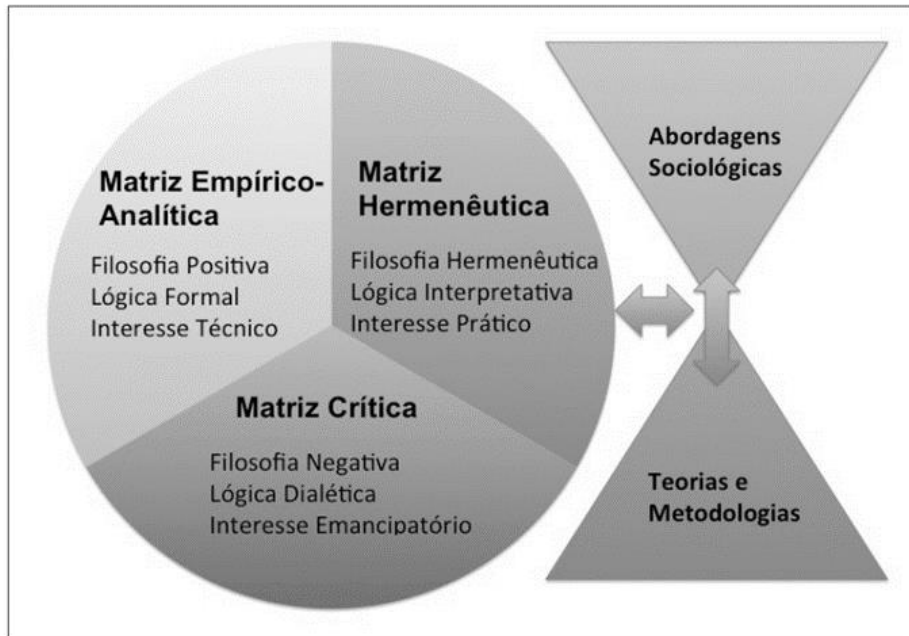


Figura 2 – Círculo das Matrizes Epistêmicas, abordagens sociológicas, teorias e metodologias
Fonte: Paula (2016, p.35).

Habermas (1968/1982) defende que as predileções dos mestres do conhecimento são responsáveis pela unicidade do sistema de ação e experiência, onde os elementos do sistema social e os interesses técnico e prático estão enlaçados com os elementos integrantes do sistema social, ao mesmo tempo que o interesse emancipatório assegura a ligação através do saber teórico e a práxis de vida. Medeiros e Marques (2003) evidenciam que independentemente do conflito entre teoria e práxis, o principal paradigma está associado a consciência dos pesquisadores, e que os estudos devem ser desenvolvidos com base no paradigma da razão.

De acordo com Paula (2016), as matrizes epistêmicas retratadas não podem ser entendidas como domínios que confinam as abordagens sociológicas, mas sim como partes integrantes de um todo constituído da criação de conhecimento. A autora ainda conclui que o trânsito das teorias e metodologias é capaz de conduzir reconstruções epistêmicas modernas que resultam em abordagens sociológicas híbridas, que possuem a domínio de transitar através das matrizes epistêmicas e compatibilizá-las.

Nesse cenário, a evolução científica do campo da administração, deve ser estimulada desde a formação inicial, despertando futuras gerações de pesquisadores, permeando as variadas áreas do conhecimento, valendo-se prudentemente dos pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, assim possibilitando a ampliação paradigmática para a evolução dos debates teóricos.

3. REFLEXÕES DA PESQUISA

Mesmo com o crescimento de outras vertentes, como as interpretacionistas, as críticas e, mais recentemente, as pós-modernistas, a ortodoxia funcionalista tem sido preponderantemente

empregada na elaboração de estudos organizacionais. Conforme Burrell e Morgan (1979), o funcionalismo e seus correlatos, validam a objetividade, presumem uma realidade mais tangível, recorrem ao que é perceptível, buscam singularizar o mundo para prevê-lo e comandá-lo. Burrell e Morgan (1979), inspirados por Kuhn e apoiando-se na tese da incomensuralidade dos paradigmas, criaram o diagrama dos paradigmas sociológicos, porém sua aplicação vem instigando um conflito paradigmático. Diante de um olhar mais cuidadoso, os quatro paradigmas (o funcionalismo, o interpretativismo, o estruturalismo radical e o humanismo radical) criados pelos autores, apresentam posições contrárias, concebendo dicotomias que não se sustentam, direcionando os estudiosos e pesquisadores a buscar pontos de vista limítrofes dentro dos quadrantes para esclarecer as exceções (Paula, 2014).

As dificuldades de identificação, bem como considerações contrárias ao diagrama de Burrell e Morgan (1979), incentivaram estudiosos e pesquisadores a refletirem novas formas de adequação do diagrama com utilização de pressupostos diferenciados aos quatro paradigmas usados pelos autores. Morgan (1996) salienta que, novos paradigmas podem ser ainda articulados com cada um dos quatro paradigmas apresentados por Burrell e Morgan (1979), propiciando inúmeras formas de teorização e estudo das organizações.

Neste sentido, Paula (2016) demonstrou em seus estudos proposta alternativa ao diagrama de paradigmas sociológicos para orientar as pesquisas organizacionais, constituindo matrizes que se guiam pelos três interesses cognitivos discutidos por Jürgen Habermas (1968/1982) em *Conhecimento e Interesse*: a matriz empírico-analítica (interesse técnico), a matriz hermenêutica (interesse prático) e a matriz crítica (interesse emancipatório), de forma circular, dividido em três partes iguais, nominada como: *Círculo das Matrizes Epistêmicas*. A autora expressa que “Não se tratam de rupturas paradigmáticas ou revoluções científicas, mas de criação de teorias e metodologias de fronteira, ou de abordagens sociológicas híbridas, que procuram superar a incompletude cognitiva” (Paula, 2016, p.41).

Pode-se considerar também as abordagens apresentadas por Gioia e Pitre (1990), tendo como objetivo contribuir com os pesquisadores na forma de construção de uma teoria, conhecida como *metatriangulação*. A *metatriangulação* utiliza-se de insights resultantes de múltiplos paradigmas, pesquisando perspectivas teóricas e epistemológicas distintas, estimulando hipóteses já definidas e evidenciando as adversidades organizacionais sob novas lentes paradigmáticas. Feyerabend (1975) já declarava que os teóricos precisam questionar incessantemente os limites das lentes que elegem e se seu empenho proporciona o crescimento ou a tenacidade dos paradigmas vigentes. Nessa perspectiva, Lewis e Grimes (2005) debatem a investigação multiparadigmática, que busca atender a demanda quanto à aplicação de paradigmas específicos, não obtendo constructos teóricos suficientes para resolver os problemas de maneira isolada. De acordo com os autores, na pesquisa multiparadigmática, os estudiosos e pesquisadores devem ir além da revisão da literatura, objetivando o emprego de paradigmas empiricamente distintos.

Entende-se que a pesquisa multiparadigmática ainda é pouco explorada e comedida, mas com imenso potencial para ampliar as perspectivas contemporâneas dos fenômenos organizacionais contraditórios e complexos. Teunissen (1996) afirma a necessidade de visões diferenciadas que contemplem as inquietudes organizacionais, a utilização de lentes paradigmáticas alternativas, ao contrário de racionalizá-las excessivamente. Nesta lógica, os pesquisadores Lewis e Grimes (2005) utilizaram paradigmas múltiplos na coleta e na análise de dados e no aperfeiçoamento das variadas formas de um fenômeno em condições desfavoráveis. Segundo os autores, pode ocorrer pesquisas que utilizem métodos interpretativistas para certificar resultados funcionalista ou mesmo ao inverso; métodos positivistas para pôr em prática e experimentar constructos por um viés etnográfico.

Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2010) corroboram com o debate no momento em que apresentam o conto “Os cegos e o elefante”, de John Godfrey Saxe (1816-1887). Os autores descrevem em sua obra que são cinco pessoas à volta de um elefante tocando somente uma das partes do animal, sem enxergá-lo por completo. O todo está na parte, assim como a parte está no todo. O conto narrado pelos autores destaca que o pesquisador em sua análise não deve ficar limitado exclusivamente nas partes sem ter a visão do todo. A percepção das partes, segundo os autores, “cega” e “limita” o pesquisador, induzindo a assimilar os problemas de maneira simplista, enquanto os problemas encontram-se interconectados, demandando a escolha e a conjunção de múltiplas “lentes” paradigmáticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões realizadas em torno das abordagens epistemológicas no campo de conhecimento da administração, observa-se, primeiramente, que a ortodoxia foi colocada sob suspeição no instante em que Burrell e Morgan (1979) fomentaram o debate sobre a aplicação de múltiplos paradigmas em estudos organizacionais. Salienta-se que a contribuição de Burrell e Morgan (1979) no campo de conhecimento da administração é incontestável, pois os autores promoveram a disseminação e convencionaram o uso da teoria crítica e interpretativa nos fundamentos da teoria organizacional.

De outro ponto de vista, Burrell e Morgan contribuíram igualmente para o crescimento de concepções opositoras. Assim, paradigmas emergentes se posicionaram como uma alternativa possível, essencialmente por abarcar lacunas não contempladas pelo paradigma hegemônico. Nessa perspectiva, compreende-se a necessidade de entender fundamentalmente as interações sociais vivenciadas em toda a sua heterogeneidade, bem como ampliar a possibilidade de desenvolvimento de novas abordagens paradigmáticas.

Independentemente da abordagem utilizada, identifica-se que a adesão de uma lente paradigmática mais abrangente, possibilita aos pesquisadores melhor entendimento de um fenômeno em ambientes que interagem entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação. A realidade deve ser compreendida de várias maneiras, instituída sob o ponto de vista social e alicerçada nas práticas e interações experienciadas pelos envolvidos no processo. Incorporar um pluralismo teórico e metafórico permite a evolução de nossas concepções no que se refere a análise organizacional.

Devido a existência de um mundo mais contemporâneo, percebe-se a adversidade acerca de explicar fenômenos de forma consistente por intermédio de paradigmas convencionais. Os paradigmas propostos pelos autores não podem ser considerados como mutuamente excludentes, no entanto complementares. Hiatos suprimidos por determinado paradigma, podem ser aperfeiçoados por outro na compreensão do fenômeno pesquisado. Aceitar a diversidade, por intermédio da utilização de paradigmas emergentes de pesquisa, possibilita aos pesquisadores ampliar suas interpretações da realidade organizacional adversa e complexa.

Concebe-se que todas as harmonizações e conjunções paradigmáticas devem ser praticadas, uma vez que o pesquisador disponha incessantemente de referência e fundamentação, sustentando a coesão e credibilidade da temática investigada. Os resultados desta pesquisa compõem diversas contribuições para pesquisadores, estudiosos, universidades e instituições de pesquisa. Este estudo fornece um entendimento para os profissionais que desejam compreender a ciência da administração a partir de diversas abordagens paradigmáticas.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. W. (2009). *Dialética negativa*. (MA Casanova, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar

- Bacon, F. (1979). (Viscount St. Albans) *Novum organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Nova Atlântida; tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade – 2ª ed. – São Paulo: Abril Cultural.
- Bataglia, W., Meirelles, D. S. E., & Barrella, F. P. (2008). Rumo a um Modelo Integrativo entre a Ecologia Organizacional e a Economia Evolucionária. *XXXII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD*, p. 1–15.
- Bernardes, C., & Marcondes, R. *Teoria Geral da Administração: gerenciando organizações*. Saraiva, São Paulo, 2006.
- Bird, A. (2003). Three conservative Kuhns. *Social epistemology*, 17(2-3), 127-133.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analyses*. London: Heinemann Educational Books.
- Caldas, M. P. (2005). Paradigmas em estudos organizacionais: uma introdução à série. *Revista de Administração de Empresas*, 45(1), 53-57.
- Damke, E. J., Walter, S. A., & da Silva, E. D. (2010). A Administração é uma Ciência? Reflexões Epistemológicas acerca de sua Cientificidade. *Ciencias da Administração*, 12(28), 127-146.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. 3ed. São Paulo: Atlas.
- Faria, J. H. D., Maranhão, C. M. S. D. A., & Meneghetti, F. K. (2013). Reflexões epistemológicas para a pesquisa em administração: contribuições de Theodor W. Adorno. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(6), 642-660.
- Feyerabend, P. (1975). *Against Method*. London: New Left Books.
- França, G. C. (2004). Para um olhar epistemológico da Administração: problematizando seu objeto. In: Santos, R. S. (Org.). *A administração política como campo do conhecimento*. Ed. Mandacaru: São Paulo/Salvador.
- Giddens, A. (2001). O que é ciência social? In: Giddens, A. *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas*. Tradução de Roneide Venancio Majer; Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: UNESP, p. 97-113.
- Gioia, D. A., & Pitre, E. (1990). Multiparadigm perspectives on theory building. *Academy of management review*, 15(4), 584-602.
- Gomes, E. O., Amarante, J. M., Caldas, L. M., Basaglia, M. M., & Cantagallo, M. V. (2013). Repensando a administração como ciência: Um ensaio teórico. *Maringá Management*, 10(3), 7-16.
- Habermas, J. A. (1983a; 1989). Filosofia como Guardador de Lugar e como Intérprete. In: Habermas, J. A. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p.17-35.
- Habermas, J. A. (1968; 1982). *Conhecimento e Interesse*. Com um Novo Posfácio. Rio de Janeiro: Zahar, 367 p.
- Hassard, J. (2005). Multiple paradigms and organizational analysis: A case study. *Organization Studies*, 12(2), 275-299.
- Jasperson, J. S., Carte, T. A., Saunders, C. S., Butler, B. S., Croes, H. J., & Zheng, W. (2002). Power and information technology research: A metatriangulation review. *MIS quarterly*, 26(4), 397-459.
- Kuhn, T. S. (2012). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kura, B., & Sulaiman, Y. (2012). Qualitative and quantitative approaches to the study of poverty: Taming the tensions and appreciating the complementarities. *The Qualitative Report*, 17(20), 1-19.

- Lewis, M. W., & Grimes, A. J. (2005). Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 45(1), 72-91.
- Maciel, C. O., & Silva, E. D. (2011). Administração como Ciência: Uma reflexão a partir de diferentes critérios de demarcação. *Perspectiva Contemporânea, Campo Mourão*, v.6, n.1, p. 80-104.
- Marsden, R., & Towloy, B. (2001). A coruja de Minerva: reflexões sobre a teoria na prática. In: Clegg, S. R.; Hardy, C.; Nord, W. R. (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais*. Volume 2. Reflexões e novas direções. São Paulo: Atlas.
- Martins, G. A. (1996). Epistemologia da pesquisa em administração. IN: *Encontro Anual Cladea – Reunião do Conselho de Escolas de Administração*. Santiago, Chile. Anais... Santiago, Chile.
- Mattos, P. C. (2009). Administração é Ciência ou Arte? O que podemos apreender com esse mal-entendido? *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: n 3. v. 49, pp. 349-360.
- Medeiros, A. M. S., & Marques, M. A. R. B. (2003). Habermas e a teoria do conhecimento. *ETD – Educação Temática Digital, Campinas*, v.5, n.1, p.1-24.
- Mintzberg, H., Ahlstrand, B. R. U. C. E., & Lampel, J. (2010). *Safári de estratégias: um roteiro pela selva do planejamento estratégico*. Porto Alegre: Bookman.
- Morgan, G. (1996). *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas.
- Morgan, D. L. (2007). Paradigms lost and pragmatism regained: Methodological implications of combining qualitative and quantitative methods. *Journal of mixed methods research*, 1(1), 48-76.
- Ostermann, F. (1996). A epistemologia de Kuhn. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 13(3), 184-196.
- Pack, L. (2011). Necesidad e importância de La investigación empírica de La economía de La empresa em el sector de la producción. Material de Leitura da Disciplina de Epistemologia da Administração. Doutorado em Administração, Curitiba/PR, Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR.
- Paula, A. P. P. D. (2016). Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. *Cadernos Ebape. br*, 14(1), 24-46.
- Paula, A. P. P. D. (2014). Para Além dos Paradigmas nos Estudos Organizacionais: O Círculo das Matrizes Epistemológicas. *IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração*. Florianópolis, SC, Brasil.
- Pellegrinelli, S., & Murray-Webster, R. (2011). Multi-paradigmatic perspectives on a business transformation program. *Project Management Journal*, 42(6), 4-19.
- Popper, K. R. (1970). *Normal science and its dangers*. In: Lakatos, I.; Musgrave, A. (Eds.). *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 51-58.
- Popper, K. R. (1980). *A lógica da investigação científica*. In: Karl Popper, coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Raadschelders, J. C. (2011). The future of the study of public administration: Embedding research object and methodology in epistemology and ontology. *Public Administration Review*, 71(6), 916-924.
- Rocha, C. F., & Zembo, A. S. (2017). Administração é ciência? Reflexões sobre os desafios epistemológicos a partir de uma revisão sistemática de literature. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, julho-septiembre, 2017.
- Santos, E. L. (2017). The scientific field of administration: an analysis from the circle of theoretical matrices. *Cadernos EBAPE. BR*, 15(2), 209-228.

- Santos, S. A. (2004). Existem paradigmas em administração? Uma análise sobre o uso do conceito. Disponível em: <www.fgvsp.br/iberoamerican/Papers/0256>. Acessado em: junho de 2021.
- Santos, E. L., Santos, R. S., & Braga, V. L. (2014). O campo científico da administração: percursos e percalços. *Anais do Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia das Ciências da Administração*. Florianópolis, SC, Brasil, IV.
- Saunders, C., Carte, T. A., & Butler, B. S. (2003). Lessons from the trenches of metatriangulation research. *Communications of the Association for Information Systems*, 11(1), 14.
- Schultz, M., & Hatch, M. J. (1996). Living with multiple paradigms the case of paradigm interplay in organizational culture studies. *Academy of management review*, 21(2), 529-557.
- Scussel, F. B. C. (2017). Poder, paradigmas e domínio na pesquisa em marketing no Brasil: uma análise da produção nacional da disciplina a partir das matrizes epistêmicas. *Administração: ensino e pesquisa*, 18(3), 518-557.
- Senff, C. O., Veiga, C. P., Bendlin, L., Neto, E. E., Kudlawicz, C., & Duclós, L. C. (2015). Uma contribuição para a cealuma sobre a cientificidade da administração. *Revista ESPACIOS* | Vol. 36 (Nº 24).
- Shields, P. M. (1998). Pragmatism as a philosophy of science: a tool for public administration. *Research in Public Administration*, V.4, p.195-225.
- Teunissen, J. (1996). Paradoxes in social science and research. *Contradictions in context*, 17(1996), 38.
- Tozzini, L. D. (2011). *Objetividade e racionalidade na filosofia da ciência de Thomas Kuhn*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Curitiba/PR, Universidade Federal do Paraná – UFPR.
- Vergara, S. C. (2005). *Método de pesquisa em Administração*. São Paulo, Editora Atlas.
- Vergara, S. C., & Caldas, M. P. (2005). Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4), 66-72.
- Walter, S. A., & Augusto, P. O. M. O (2008). Status Científico da Pesquisa em Administração. *Revista Negócios, Blumenau*, v. 13, n. 4, p. 56 – 71, out./dez.
- Whetsell, T. A. (2013). Theory-pluralism in public administration: Epistemology, legitimacy, and method. *The American Review of Public Administration*, 43(5), 602-618.